



## **ELEIÇÃO ESCOLAR: TRABALHANDO O LETRAMENTO E A AUTOESTIMA NA EJA A PARTIR DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2014**

**Christiane Sheyla Magalhães de Mattos<sup>1</sup>**

**Fábio Marques da Fonseca<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Esse artigo apresenta os resultados da análise qualitativa de uma experiência com alunos do 6º ao 9º ano da Educação de Jovens e Adultos de uma escola municipal do município de Rio das Ostras/RJ a partir das eleições presidenciais de 2014 promovendo uma eleição escolar. A proposta de atividade vislumbrava ampliar a participação social e compreensão dos estudantes para o processo eleitoral bem como trabalhar com os gêneros textuais em questão visando ao letramento desses sujeitos. Os resultados mostraram a mudança de postura e de dedicação dos alunos com relação ao papel da escola na vida de cada um e o desenvolvimento de maior autoestima e participação social dos estudantes na medida em que estes puderam vencer barreiras referentes à produção textual, integração com grupos e elocução planejada. A análise dos dados foi desenvolvida com o referencial teórico presente na filosofia da educação libertadora de Paulo Freire e Moacir Gadotti e nas propostas de letramento e multiletramento trabalhadas por Roxane Rojo.

**Palavras-chave:** EJA; Letramento; Participação social reflexiva.

### **INTRODUÇÃO**

Sabemos que o exercício da cidadania só é completo se existe a participação dos sujeitos em todos os processos sociais, por isso torna-se urgente que jovens e adultos reconheçam a importância da participação social defendendo ideais e questões de relevância como preservação ambiental, direitos humanos, profissionalização, enfim, quantas forem necessárias para a formação de cidadãos conscientes do seu papel na sociedade e comprometidos com as transformações do país. Existem várias experiências bem sucedidas na

<sup>1</sup> Professora da Educação Básica em turmas da EJA na Escola Municipal Acerbal Pinto Malheiros, Rio das Ostras, RJ, [christianesheyla@yahoo.com.br](mailto:christianesheyla@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Professor da Educação Básica em turmas da EJA na Escola Municipal Acerbal Pinto Malheiros, Rio das Ostras, RJ, [mfonseca.fabio@gmail.com](mailto:mfonseca.fabio@gmail.com)

aplicação de projetos pedagógicos que levam em consideração a ampliação da participação social priorizando a relação do “conteúdo escolar” com a vida. Conforme orienta a Proposta Curricular para Educação de Jovens e Adultos - EJA - do Ministério da Educação,

Os cursos destinados à Educação de Jovens e Adultos devem oferecer a quem os procura tanto a possibilidade de desenvolver as competências necessárias para a aprendizagem dos conteúdos escolares, quanto a de aumentar sua consciência em relação ao estar no mundo, ampliando a capacidade de participação social no exercício da cidadania. (BRASIL, 2002)

Nesse sentido, o presente trabalho apresenta uma experiência realizada com quatro turmas da EJA na qual buscamos trabalhar a partir de um evento social amplo - as eleições 2014 - com um evento social restrito à comunidade escolar promovendo uma eleição escolar.

De acordo com a filosofia libertadora de Freire (1986), é importante que o professor tenha consciência do que faz e por que faz, pois educar é uma ação acima de tudo política. Desta forma, optamos pelo rompimento com modelos de atividades planejadas a serem executadas mecanicamente para priorizar a reflexão e construção coletiva de um processo importante para o grupo naquele momento fomentando, assim, a participação ativa e reflexiva desses sujeitos em todas as fases do ensino/aprendizagem.

Além da importância histórica e da contextualização do programa, entendemos que “o aluno adulto [...] quer ver a aplicação imediata do que está aprendendo” (GADOTTI, 1995, p. 39) e, com o projeto, as dúvidas e inquietações sobre o processo eleitoral eram tratadas durante todas as aulas. Também com Rojo (2009, p. 11), defendemos que “um dos objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática”.

Apresentaremos aqui os objetivos do projeto e as etapas desenvolvidas pelos professores abordando também os resultados observáveis durante e após a execução das atividades planejadas. O projeto buscou trazer para vivência dos alunos o processo eleitoral democrático brasileiro e foi dividido em cinco fases: criação de partido político, candidatura e eleição de um candidato dentro de cada partido, elaboração de propostas de governo, debate regrado e eleições diretas na comunidade escolar.

## **OBJETIVOS**

O objetivo geral era conscientizar os alunos sobre a importância da participação reflexiva no processo eleitoral. Se no evento social amplo - eleições 2014 - participamos basicamente como eleitores, no evento social restrito à comunidade escolar a participação deveria ser mais ampla, com cada estudante atuando como membro dos partidos e exercendo várias funções: criação de legendas, eleições internas, elaboração de propostas, discursos e debates.

Nesse sentido, o projeto trabalhava sob a perspectiva de Freire (2001, p. 16) quando este enfatiza que “não é possível a educadoras e educadores pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade”. Por isso entendemos que o momento era adequado para esta abordagem, dada a extrema ebulição que o processo eleitoral para a escolha de um presidente causava entre os alunos e o grande desconhecimento das regras desse processo criava certo distanciamento ideológico nas discussões. Ainda com Freire (1979, p. 61), reconhecemos que “nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaço-temporais”, visão corroborada por Gadotti (1995, p. 32 – grifo do autor) o qual afirma que “um programa de educação de adultos não pode ser avaliado apenas pelo seu rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na **qualidade de vida** da população atingida”, daí a importância deste projeto durante este ano de mudanças, pois entendemos que o conhecimento das “regras do jogo” no que concerne o processo democrático de escolha de governantes pode formar consciências mais críticas e capazes de melhores escolhas.

Além do objetivo geral, vislumbrava-se discutir alguns temas transversais como ética, respeito, diversidade cultural, honestidade, cidadania, direitos, responsabilidades etc., pertinentes ao processo político-eleitoral.

### **Etapas do projeto**

As atividades foram trabalhadas durante o mês de outubro - mês das eleições no Brasil - e por isso consistiam de apenas cinco etapas bem concisas e executadas nas aulas de diferentes disciplinas. Cada professor envolvido, em seu dia e horário de aula, trabalhava com os estudantes uma das fases ou reforçava uma fase já trabalhada por outro professor enfocando um novo olhar, uma nova perspectiva. Nesse sentido, buscamos exercer um trabalho interdisciplinar com uma proposta de letramento encontrada em Rojo (2009, p. 98),

para a qual o termo letramento “busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrimdo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.)”. De acordo com Rojo (2009),

Os novos estudos do letramento definem “eventos de letramento” como “qualquer ocasião em que um fragmento de escrita faz parte integral da natureza das interações dos participantes e de seus processos interpretativos”. Acrescentam também que “eventos são episódios observáveis que derivam de práticas e por elas são formatados. A noção de eventos sublinha a natureza situada do letramento, que sempre existe num dado contexto social. (ROJO, 2010, p. 26)

Assim, a partir de um evento social amplo, construímos na escola um evento social restrito envolvendo o trato prévio com textos escritos por outros autores para a produção de textos próprios e originais dos alunos “integrando estes a práticas de leitura e escrita socialmente relevantes que eles ainda não dominavam” (ROJO, 2010, p. 27), apesar de estarem imersos como seres atuantes no processo eleitoral (evento social real).

Foi estabelecida uma semana para cada etapa do projeto e uma última semana para a culminância quando realizamos as eleições. Cada etapa visava não somente ao contato com o gênero (discurso, propostas de governo, debate, cartaz), mas vislumbrava o despertar dos estudantes para um olhar mais crítico sobre o evento que legitima os representantes legais da sociedade. Conforme Rojo (2012, p. 28), “esse é outro espaço de atuação escolar: transformar o ‘consumidor acrítico’ - se é que ele de fato existe - em analista crítico”, e a escola é, nesse sentido, o *locus* privilegiado no qual se pode tratar e trabalhar - com isenção partidária - desses interesses.

O trabalho da escola sobre esses alfabetismos estaria voltado para as possibilidades práticas de que os alunos se transformem em criadores de sentidos. Para que isso seja possível, é necessário que eles sejam analistas críticos, capazes de transformar, como vimos, os discursos e significações, seja na recepção ou na produção. (ROJO, 2012, p. 29)

Para despertar estas reflexões, a prática comum a todos os professores envolvidos foi o diálogo, por isso, seja na introdução de cada fase do projeto, seja no desenvolvimento das atividades, as conversas e a prática da escuta estiveram sempre presentes. Conforme já afirmava Gadotti (1995, p.34) há mais de 20 anos, “a filosofia primeira, na qual o educador de jovens e adultos precisa ser formado, é a filosofia do diálogo”. Ainda sobre a importância do diálogo, Freire (2005, p. 94) nos alerta que “a fé nos homens é um dado *a priori* no diálogo

[...] sem esta fé nos homens o diálogo é uma farsa. Transforma-se, na melhor das hipóteses, em manipulação, adocicadamente paternalista”. Nesse sentido, reforçamos o objetivo principal do projeto: conscientizar sobre a importância da participação reflexiva no processo eleitoral, com ênfase na reflexão promovida pela constante discussão dos temas em cada fase.

Com este olhar, as etapas foram assim divididas:

### **Primeira semana - Criação de um partido político**

Nesta fase, os alunos deveriam reunir-se em turma para discutir e procurar definir o perfil da turma descobrindo seus anseios, inquietudes e quais ideais poderiam ser a base ideológica do partido. A partir dessas reflexões foram criados o nome do partido, a sigla e número de registro.

### **Segunda semana - Candidatura e eleição de um candidato, vice, e secretário do partido/turma**

Com o partido criado, os estudantes foram encorajados à candidatura para representantes da turma. No caso de não haver candidatos espontâneos, a turma poderia eleger um representante pelo voto direto, aberto. Apenas uma turma usou a segunda estratégia.

### **Terceira semana - Elaboração de propostas**

Em conjunto com a turma, os candidatos eleitos iniciaram uma reflexão sobre o ambiente escolar e sobre as questões que interferem para um bom desenvolvimento durante as aulas, principalmente as relativas às dificuldades tão conhecidas dos alunos da EJA no que se refere à permanência e acompanhamento durante o ano letivo.

### **Quarta semana - Debate regrado**

Foram preparadas previamente por professores e alunos perguntas que abordavam alguns entraves no dia a dia escolar. Além disso, os candidatos também elaboraram perguntas e responderam perguntas de seus oponentes.

Concomitantemente ao debate, foi realizada uma pesquisa de opinião com a análise dos eleitores sobre o candidato que melhor se desenvolveu no embate. Esta pesquisa foi

posteriormente trabalhada pelos professores de matemática para a construção de gráficos e tabelas expostos na escola para avaliação dos eleitores levando em consideração os seguintes critérios: oralidade e articulação de ideias; exercício da ética, respeito e responsabilidade na colocação das propostas; fundamentação das propostas e relevância dos argumentos.

Também durante esta semana, os candidatos puderam fazer a produção e divulgação do material de campanha da eleição.

### **Quinta semana – Eleição**

Foram confeccionadas cédulas de papel com legendas e números dos partidos e nomes/turmas dos candidatos, cabine para votação e uma urna. Os alunos candidatos tiveram um momento de visita em todas as salas da escola para última exposição de seus ideais e divulgarem legendas e números dos partidos. A eleição transcorreu democraticamente. Ao final do horário destinado à votação, foi recolhida a urna para apuração com a presença dos professores representantes pela eleição e um representante de cada partido, todos assinaram a ata, garantindo a lisura do processo eleitoral.

É importante aqui ressaltar que o trabalho com gêneros textuais normalmente pouco trabalhados na vivência escolar enfoca a ideia de multiletramentos tratada por Rojo quando esta afirma que é preciso que

[...] a linguagem dê conta das demandas da vida, da cidadania e do trabalho numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda da ética plural e democrática, por meio do fortalecimento das identidades e da tolerância às diferenças. Para tal, são requeridas uma visão situada de língua em uso, linguagem e texto e práticas didáticas plurais e multimodais, que as diferentes teorias de texto e de gêneros favorecem e possibilitam. (ROJO, 2009, p. 90)

## **RESULTADOS**

O projeto nos proporcionou observar várias questões como autoestima, pré-conceito/preconceito inverso, imagem/autoimagem, relações interpessoais, ensino tradicional/paradigmas emergentes, reconhecimento do espaço social que foram, ao longo do projeto, abordadas servindo de base para a elaboração das propostas dos candidatos e, para além do projeto, fomentaram a discussão em sala de aula.

CASO 1 - O primeiro caso observável em relação ao projeto tem como protagonista um adolescente que aqui chamaremos de Adão. Adão não se interessava pela escola, declarava total desprezo por atividades e professores, com exceção da disciplina de matemática pela qual demonstrava interesse por aprender contas de dividir (segundo ele, assim poderia ser promovido na “boca”). No início do projeto, Adão permaneceu com o mesmo comportamento, totalmente desinteressado. Suas sugestões para legenda foram sobre retirar as câmeras da escola, liberar o uso de cigarro e outras do gênero. Entretanto, quando chegamos à escolha de candidatos, para surpresa de muitos, Adão se candidatou e foi eleito pela turma. A partir de então, houve uma mudança de hábitos e interesses. Adão participou da elaboração das propostas, elegeu uma secretária para auxiliá-lo, e articulou com a turma para participarem do debate. No dia do debate, a surpresa maior foi o desempenho de Adão que, compenetrado, articulava suas propostas de forma coerente, tranquila, verdadeira, atraindo olhares, admiração e causando uma grata surpresa em professores e funcionários que tão bem conheciam seu histórico.

A análise dos dados de avaliação do debate trouxe uma nova perspectiva para Adão, pois, segundo a avaliação dos alunos eleitores, Adão foi o candidato que melhor se apresentou no debate. A atividade feita pela professora de matemática apontava um destaque no gráfico para seu desempenho e isso foi muito gratificante para o aluno que pediu para levar o cartaz para casa e mostrá-lo a seu pai. Além disso, Adão comentou com a professora que “precisaria mudar sua atitude na escola”.

Este caso gerou entre os estudantes duas reflexões distintas: a autoestima elevada de Adão devido ao bom desempenho apreciado no debate - o reconhecimento de seus pares pela sua elocução, concentração e desenvoltura foi recompensador e provocou uma mudança observada e comemorada por todos -; e, por outro lado, o fato de conhecerem bem Adão, suas atitudes, seu posicionamento na escola e diante da vida despertou os sentidos para a oposição entre discurso/realidade promovendo uma comparação entre a atitude de Adão e de candidatos reais. A análise crítica de que nos fala Rojo (2012, p. 29) ficou bem óbvia nesse episódio, pois os discursos foram preparados em sala de aula, por colegas de escola atribuindo clareza ainda maior ao processo.

CASO 2 - Também trabalhando a autoestima, apresentamos alguns momentos de Bento (nome fictício). Aluno introvertido, desconfiado, pouco articulado na escola, cerca de 30 anos. A eleição na turma de Bento foi disputada, pois havia mais de um candidato, mas a turma o escolheu o que lhe causou grande surpresa de início. Entretanto, Bento assumiu o papel de figura central no processo eleitoral em sua turma e usou com habilidade esse espaço

para trazer para a discussão temas importantes de convivência social no ambiente escolar e que o incomodavam desde que chegara à escola. A oportunidade de ser ouvido e encarado como um candidato eleito pela turma encheu-o de confiança e Bento se envolveu profundamente em todas as etapas do processo.

Durante todo o processo, Bento colocou-se criticamente levantando questões pertinentes ao convívio social na escola, ao seu desenvolvimento educacional entre outros, o que promoveu seu “despertamento” social e abriu portas para maior interlocução com seus pares. De acordo com Freire,

Quanto mais [o homem] for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais. (FREIRE, 1979, p. 61)

Assim aconteceu com Bento, pois, após este projeto, ele assumiu a posição de representante dos alunos para levar os anseios, queixas e dúvidas de todos às reuniões dentro e fora da unidade escolar.

CASO 3 - Ainda observando o fenômeno de elevação da autoestima, abordaremos o ocorrido com a aluna Carmem (nome fictício). Em princípio, ela não era a candidata eleita pela turma, havia outro aluno candidato que precisou se afastar da escola por motivo de trabalho e Carmem foi a única que aceitou substituir o colega, muito estimado pela turma. Carmem assumiu a candidatura na semana do debate regrado, mais especificamente um dia antes, e não teve muito tempo para se preparar para o evento, mas seu desempenho foi muito bom. A aluna que já estudara na escola em outra ocasião e retornara após dois semestres de afastamento, já é uma mulher casada e com filhos. Como muitos dos alunos da EJA, Carmem traz problemas em seu histórico, mas a dedicação sempre a tem acompanhado. Após seu bom desempenho e aceitação no debate, Carmem ficou esperançosa de um resultado positivo nas eleições e, assim como Adão, esperava a vitória. Os dois candidatos trabalharam na divulgação da campanha no dia da eleição com muita confiança, mas o resultado não foi o esperado. Então, assim como testemunhamos uma elevação da autoestima de ambos durante o processo, fomos também testemunhas do desconcerto deles frente ao resultado da apuração que indicava a vitória de Bento. Entretanto, um fato que poderia abalar a autoestima de Carmem foi o responsável por sua afirmação, pois ao se ver em uma “situação-limite” na qual jamais se imaginara a estudante constatou sua entrega e bom desempenho durante o projeto o que lhe trouxe maior êxito. Nesse sentido, de acordo com Freire,

Não são as “situações-limites”, em si mesmas, geradoras de um clima de desesperança, mas a percepção que os homens tenham delas num dado momento histórico, como um freio a eles como algo que eles não puderam ultrapassar. No momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a se empenharem na superação das “situações-limites”. (FREIRE, 2005, p.105)

CASO 4 - É importante aqui o registro de que a escola em questão é uma das escolas que recebe o maior número de alunos com necessidades especiais na cidade e agora vamos tratar do universo de uma dessas alunas que aqui chamaremos de Diva.

Diva é uma jovem cega que frequentava regularmente a escola com uma acompanhante que a auxiliava. Ela apresentava uma postura proativa e muito consciente das suas poucas limitações. É essencial reforçar aqui o termo “poucas” limitações, pois Diva não se permitia ficar fora de nenhuma atividade proposta e, além disso, representava uma liderança muito positiva em sua turma. Claro que com este perfil Diva foi escolhida a candidata da turma e aceitou prontamente. Entretanto, uma preocupação a afligia e confessou que tinha receio das pessoas acharem que sua candidatura seria uma estratégia para “chamar votos”. Poderíamos chamar essa reação de Diva de “preconceito inverso”, pois não havia qualquer indício de que sua candidatura causasse alguma reação, pois, como já relatado, Diva é popular, amável e amada por todos, mas sua angústia tinha razão. Poucos dias depois, uma aluna de outra turma, um pouco sem jeito, deixou transparecer essa insegurança. “Professora, será que as pessoas não vão votar na Diva um pouco sensibilizadas por ela ser cega?”.

A pergunta foi direta, mas de forma o mais doce e respeitosa possível. O medo de Diva tinha fundamento. A cegueira, que em outra situação poderia privá-la de participar de alguma atividade por preconceito, aqui despertava o preconceito inverso de supor que sua participação lhe traria benefícios exatamente por ser cega. Nos dois momentos o tema foi discutido em particular e em grupo ressaltando o potencial que Diva demonstrava em seu percurso escolar e o enfrentamento que precisamos fazer no dia a dia contra o (pré)conceito, que só será vencido quando nos dispusermos a conhecer o outro em todas as suas nuances antes de qualquer opinião.

CASO 5 - É do conhecimento de todos a diversidade encontrada em turmas da EJA, principalmente após a redução para 15 anos da idade mínima de acesso à modalidade. Apesar da juvenilização da EJA<sup>3</sup>, existe também bom número de alunos acima de cinquenta anos que

---

<sup>3</sup> trabalhamos aqui sob o olhar de paulo carrano (2015) sobre a presença do jovem na eja.

completaram as séries iniciais do Ensino Fundamental quando crianças e, após longo período de afastamento, retornam à escola para prosseguimento de estudos. As lembranças que esses sujeitos guardam da escola como transferidora de conhecimentos com noções de respeito e subalternidade próprias de um período de governo militar ditatorial no Brasil chocam-se com práticas mais libertadoras<sup>4</sup> e não foram raros os comentários de alunos nessa faixa etária como “não tenho nada no caderno há duas semanas, professora”, “eu vim para escola aprender, eu quero estudar”, reflexos de uma tradicional educação bancária<sup>5</sup>. A escola para esses sujeitos é o local privilegiado do saber e esse saber deve ser “passado” pelos professores ainda de forma sistemática e tradicional. Nesse contexto, a articulação do projeto com várias disciplinas foi fundamental para melhor aceitação desses estudantes. O caráter interdisciplinar preconizado desde o início, envolvendo a todos, por todos os dias, nas diferentes aulas, com os diversos professores mostrou uma importância maior que a esperada “matéria no caderno” e, ao final do projeto, isso também foi discutido e trabalhado.

Por meio do diálogo constante, os objetivos foram alcançados à medida que as intervenções feitas pelos estudantes eram ouvidas e valorizadas, visto que eram reflexos de suas ansiedades. A esse respeito, temos a colaboração de Freire (2005, p.94 – grifo do autor) Quando nos diz que “a confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na *pronúncia* do mundo”.

Além da citada frustração inicial, enfrentamos também um relativo descrédito dos alunos para o projeto. Ouvimos opiniões como “isso não serve *pra* nada, professora, *tá* gastando seu tempo com isso à toa, não vai mudar nada” / “amanhã é só projeto, não tem aula?”. Com isso, enfrentamos algumas faltas, pedidos de dispensa, saídas mais cedo, mas as conversas sempre permearam nossos encontros refletindo sobre ‘a escola’, ‘o espaço e o tempo do estudo’, ‘o que é estudar’, ‘o que é importante aprender’ e as trocas de experiências foram importantíssimas, pois geraram uma visão mais ampla da escola na perspectiva de letramento tratada por Rojo (2009, p. 100) como “uma prática ‘revolucionária, crítica, na medida em que colaboraria não para adaptação do cidadão às exigências sociais, mas para o resgate da autoestima, para construção de identidades fortes para a potencialização de poderes”.

Outra questão levantada e discutida em sala de aula foi o fato de haver apenas uma candidata mulher de início. Participaram do projeto quatro turmas, mas apenas uma elegeu em

---

<sup>4</sup> ver *educação e mudança*, paulo freire (1979, p. 40)

<sup>5</sup> por educação bancária entendemos “o ato de depositar em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante” (freire, 2005, p. 80).

seus “diretórios” uma mulher - apesar de um dos candidatos eleitos precisar se afastar dando lugar a mais uma mulher. As turmas tinham um percentual alto de mulheres, mas a representatividade de gênero não se mostrou nas candidaturas. Essa questão abriu espaço para um importante debate sobre militância feminina e as alunas relataram suas rotinas diárias com muitas tarefas o que, segundo elas, pode ser um dos motivos da pouca adesão feminina em processos eleitorais. Refletiram sobre o quanto é difícil - ainda - para a mulher ingressar na vida pública devido aos afazeres domésticos e cuidados com os filhos.

Percebemos o quanto a questão de gênero permanece um nó em nossa sociedade e o quanto a divisão cruel de tarefas sobrecarrega a mulher. Apesar dos avanços legais e das conquistas femininas na vida profissional e social, as alunas da EJA - a maioria - vivem para além de dupla jornada: cuidam da casa, dos filhos, trabalham, exercem a feminilidade cuidando da beleza e da relação amorosa e ainda estudam - jornada quántupla, no mínimo.

Quando comparamos nosso evento social restrito com o evento social amplo, percebemos que a candidatura de mulheres também ainda é menor que a de homens e se observarmos os candidatos que se elegem o número de mulheres é ainda menor, apesar de a parcela feminina da população ser maior que a de homens.

Além dessas questões de gênero que foram muito discutidas, em todas as fases do projeto, o debate e a troca de opiniões em sala impuseram-se como elementos essenciais para a construção do conhecimento. Com Freire (2005, p. 91), acreditamos que o diálogo é uma exigência existencial, “o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado”, por isso, a partir das relações dialógicas em sala de aula, houve a integração dos diferentes sujeitos, visto que falamos aqui de turmas com grande diversidade.

## **CONCLUSÃO**

O trabalho realizado mostrou a importância de se relacionar o conteúdo escolar com a vida (re)significando um evento importante como as eleições presidenciais, por isso o fato de o projeto abordar um evento social amplo de tamanha importância na vida desses sujeitos foi determinante para a aceitação, envolvimento e dedicação de todos. Além disso, ressaltou a importância da interdisciplinaridade na aprendizagem dos alunos jovens, adultos e idosos, pois fica claro o significado e o valor do ato de aprender e trocar experiências, atividade de extrema importância na EJA.

Os resultados observáveis mostram que ações dialógicas ampliam o significado que a educação exerce nas vidas desses sujeitos e, por meio do diálogo constante, as práticas textuais podem também ser resinificadas e praticadas com maior envolvimento e compreensão das dimensões sociais em que cada uma é necessária e usada.

A elevação da autoestima dos alunos, observada em vários momentos do projeto, é um ponto essencial e acreditamos que o reflexo desse sentimento de maior valor observado reverberará em outros setores das vidas desses sujeitos assim como a criticidade exercitada nos debates, discussões e análises promovidos. Um ponto importante se deu nas reflexões sobre a contradição entre realidade/ discurso promovida pelo bom desempenho do candidato Adão e pela ainda pequena participação feminina nas representações sociais.

No tocante ao trabalho com o letramento e multiletramentos, as teorias trabalhadas por Rojo nos textos de referência se confirmaram à medida que traçaram um caminho para o desenvolvimento das atividades e direcionaram as propostas. As legendas criadas estavam em acordo com o perfil de cada turma; a confecção de cartazes de propaganda estava diretamente relacionada com as propostas elaboradas em sala e em grupo; o debate foi pensado e articulado com as propostas e as demandas da escola, orientado pela repercussão que os estudantes esperavam obter.

O projeto foi aceito e reconhecido pela direção escolar, corpo docente e pelos estudantes gerando um clima de democracia e cidadania aliado às práticas escolares cotidianas promovendo a autoestima e o empoderamento dos sujeitos. Foi uma experiência gratificante e que poderá ser repetida na escola dada a boa repercussão que teve.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série, 2002.

CARRANO, Paulo. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. Artigo publicado no número inicial da **Revista REVEJA** (UFMG), on line, 2007. Disponível em: [http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educacao\\_de\\_jovens\\_e\\_adultos\\_e\\_juventude\\_-\\_carrano.pdf](http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educacao_de_jovens_e_adultos_e_juventude_-_carrano.pdf) . Acesso: 18 fev. 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Política e educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, Moacir. Educação de Jovens e Adultos: correntes e tendências. In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (orgs.) **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez, 1995.

ROJO, Roxane. Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando? In: **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Coord. RANGEL, Egon de O.; ROJO, Roxane. Coleção Explorando o Ensino. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

\_\_\_\_\_. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. Protótipos didáticos para os multiletramentos. In: **Multiletramentos na escola**. ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo [orgs.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.